



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JUNHO

Todos os annos neste dia se realisa na egreja parochial de Fátima uma festa solemne em honra do glorioso thaumaturgo Santo Antonio de Lisboa. Depois que a peregrinação mensal á Cova da Iria começou a fazer-se com mais regularidade, muitas pessoas tiveram o receio de que ella empannasse de algum modo o brilho dessa festividade, desviando grande numero de fieis da séde da parochia. A experiencia dos ultimos annos, e especialmente o que succedeu no dia 13 de Junho findo, provaram á saciedade que semelhante receio não tinha fundamento plausivel. Todavia, para não se desdobrar o concurso de fieis entre a festa da egreja e a commemoração da Cova da Iria, no que havia vantagem para todos, era muito para desejar que a festa fôsse transferida para o Domingo seguinte, o que, em nada, segundo parece, prejudicaria as solemnidades em honra do grande santo portuguez, honra da nossa Patria e gloria do Catholicismo. A circumstancia da coincidência da festa de Santo Antonio com a commemoração das appareções e o assombroso concurso de peregrinos no dia treze de Maio á Cova da Iria faziam suppôr a toda a gente que o numero de fieis que haviam de visitar aquelle local em treze de Junho seria bastante diminuto, não excedendo o dos outros dias treze, com excepção de treze de Maio e treze de Outubro. Mas, contra a expectativa geral, não aconteceu assim.

Já na vespera á tarde tinham chegado innumerados peregrinos que passaram a noite em oração junto da capella commemorativa das appareções. No dia treze ás dez horas o rev. dr. Marques dos Santos celebrou a primeira missa, dando a Sagrada Communhão a muitas centenas de pessoas. Ao meio dia solar principiou a segunda missa, resada pelo rev. Manuel Marques Combina, prior do Arrabal.

No pulpito o dr. Marques dos Santos faz as invocações do costume, repetidas em côro pela multidão. Es-



Rainha Santa Izabel

Uma das padroeiras da cidade de Leiria e que foi muito devota de Nossa Senhora da Conceição, cerca de cinco seculos antes da definição dogmatica deste misterio

tão presentes cerca de quarenta mil pessoas. O silencio, a compostura e devoção da assistencia commovem e encantam. No recinto fechado em torno do altar encontram-se os doentes. Dois delles chamam as attentões dos circumstantes. Do lado do Evangelho, um homem com a apparencia de muito novo, typo de antigo militar, denunciado pelo seu largo capote azulado de botões amarellos, está sentado num pequeno banco, ao lado da irmã que, carinhosamente, o ampara. No seu rosto pallido e desfigurado, descobrem-se vestigios de longos e profundos soffrimentos. Resava com recolhimento e fervor, pa-

recendo dominado por uma grande confiança na bondade de Maria Santissima e por uma resignação completa á vontade divina.

Do lado da epistola uma figura distincta de fidalgo, rodeado de toda a sua familia, está sentado numa cadeira, proximo do altar. Mudo e paralitico, por effeito de uma congestão cerebral, que o accommetteu em trinta e um de Janeiro ultimo, esse illustre titular veio expressamente da provincia do Minho, de automovel, pedir á Santissima Virgem a sua cura ou a conformidade com a vontade de Deus na grave tribulação que o afflige. Junto d'elle estão o seu confessor, um venerando sacerdote de mais de meia idade, e o seu dedicado médico assistente, tão notavel pelo seu saber como pelo fervor da sua crença. A piedade e resignação do nobre Conde de M., inutilisado pela desgraça em plena força da vida, edifica e commove todos os presentes, que oram fervorosamente por elle e pelo enfermo seu visinho do lado do Evangelho.

Algumas senhoras, em contrario das recommendações da Apparição aos videntes que profligam o luxo exaggerado e as modas immoraes, ostentam lamentavelmente os braços nus e os vestidos decotados. Não se com-

prehende que pessoas que se prezam de christãs sejam escravas de modas indecentes, escandalizando os fieis, profanando o lugar santo, desgostando a Santissima Virgem. Quem sabe se a presença de pessoas tão esquecidas dos deveres que a modestia impõe a todos, impede a maior effusão das graças do Senhor sobre os enfermos presentes!

Praza a Deus que todas as senhoras que vão á Fátima e a quem decerto só move a fé e o desejo de agradar á Mãe de Deus se compentrem das suas obrigações sob o ponto de vista do vestuario, nunca trazendo, nem alli nem em qualquer outra parte, senão em harmonia com as regras mais severas da moral christã.

Entretanto continúa a santa missa. Innumeradas pessoas se approximam da mesa da Eucharistia. O «Bemdito»

cantado pelo povo durante a comunhão é de um effeito surpreendente. Terminada a missa, canta-se o «Tantum ergo» e dá-se a bênção com o Santissimo Sacramento, primeiro a todos os fieis e depois a cada um dos doentes. Nesse momento repete-se o interessante phenomeno atmosferico do mês anterior, no meio de exclamações e gritos de surpresa e commoção de muitas das pessoas presentes que olham para o ceu e para o sol.

No fim da missa sobe ao pulpito o rev. David das Neves, que fallou sentidamente da devoção da Virgem e do odio cego e incansavel dos inimigos de Deus a todas as manifestações de character religioso.

Ao concluir o sermão, annunciou que o tinha prégado em acção de graças por uma cura maravilhosa de que tinha sido objecto a pessoa que lh'o havia encomendado.

Depois do sermão, os peregrinos cumprem as suas promessas, adquirem exemplares da VOZ DA FATIMA, retiram-se para longe afim de comerem os seus farneis, vão buscar agua á fonte maravilhosa ou conservam-se de joelhos ao pé da capella rezando devotamente as suas orações e fazendo as suas despedidas á augusta Virgem do Rosario.

VISCONDE DE MONTELLO

As curas da Fátima

Maria da Ascensão Franco, de 18 annos de idade, natural de Leiria, filha de Alfredo Ignacio Franco e de D. Maria da Conceição Franco, já fallecida, adoeceu gravemente com bexigas negras no dia 20 de Dezembro de 1919. Grassava então pela cidade a epidemia da variola. No anno anterior tinha estado em perigo de vida com um ataque de bronco-pneumonia, chegando a correr o boato do seu fallecimento. Nesse dia, que era um sabbado, sentindo-se mal disposta, não sahiu de casa. A' noite, depois de tomar o chá com a familia, deitou-se tranquilla, suppondo tratar-se de um incommodo leve e passageiro, embora o thermometro accusasse 39 graus de febre. No dia seguinte quiz ir á missa, mas não pôde. Resolveu-se mandar chamar o medico, dr. Antonio Julio Telles de Sampaio Rio, que não tardou a vir. A principio não conheceu a natureza da doença. Voltou nos dois dias seguintes de manhã e, neste ultimo dia, pôde já constatar com segurança que se tratava de um caso de variola. No mesmo dia á tarde a enferma recebeu a visita do dr. José Coelho Pereira em vez da do dr. Sampaio Rio, que teve de retirar urgentemente para Coimbra.

Durante os quatro dias immediatos o estado da doente aggravou-se consideravelmente. Na noite de quinta para sexta-feira produziu-se a obstrucção do nariz e da garganta, o que lhe causava grande incommodo. Não podia fechar a bocca e a garganta estava extraordinariamente inchada.

Vendo-a tão afflicta, uma de suas

irmãs, Julia da Encarnação Franco, que ficou durante uma noite a acompanhá-la, recommendou-lhe que invocasse Nossa Senhora de Fátima, tanto mais que não podia tomar os remedios, que lhe provocavam vomitos. A doente prometeu então ir em peregrinação a Fátima e dar uma esmola para as obras do Sanctuario se alcançasse a sua cura.

Na manhã seguinte uma vizinha e amiga, D. Maria Francisca Fitipaldi, de nacionalidade italiana, que tinha em 1917 obtido uma grande graça por intermedio de Nossa Senhora de Fátima, vendo as irmãs consternadas a chorar e não reconhecendo a enferma que, completamente desfigurada, parecia uma chaga dos pés á cabeça, dominada por uma compaixão profunda fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima e perguntou á doente se não queria tomar agua com terra do local das aparições, respondendo ella affirmativamente, pelo que foi logo a sua casa preparar essa mistura.

A enferma, que não era capaz de tomar os remedios que lhe tinham sido receitados, pôde beber a agua e logo em seguida adormeceu.

Esse somno foi mais prolongado que os outros que costumava dormir. Quando acordou, horas depois, a garganta estava desinchada e limpa.

Mesmo antes de tomar algum alimento, a doente teve a impressão de que podia engulir, e reconhecendo isso, poz-se a chorar de alegria, disse que se sentia melhor e que Nossa Senhora a tinha curado.

Por determinação do medico, desde terça-feira á noite, tomava banho duas vezes por dia. Nesse dia começaram a deitar terra de Fátima na agua do banho.

O medico tinha dito na quinta-feira que ella na sexta-feira e sabbado havia de estar peor. Na sexta-feira á noite a irmã Herminia da Conceição Franco perguntou ao medico, durante a visita, se não lhe parecia que as bexigas já estavam a seccar. O medico replicou: «Isso seria seccar depressa de mais; é impossivel».

Era precisamente nesse dia que ellas deviam principiar a sahir. Manifestou por isso o receio de que estivessem a recolher.

No sabbado de manhã ao examinar a enferma ficou muito admirado, declarando que realmente as bexigas já começavam a seccar. E contudo ella estava completamente preta, tendo o medico affirmado que nunca tinha visto uma camada como aquella. Nesse mesmo sabbado já pôde ter-se de pé na banheira. Nos dias antecedentes chorava com dôres nos pés, tendo as irmãs grande trabalho para lhe dar o banho.

Uma vizinha, vendo-a na convalescência, disse ás irmãs que não deviam dizer que ella tinha tido bexigas negras, porque não estava desfigurada, como o não está agora.

Essa vizinha nunca a tinha visto durante a doença. Pediu-se muito a Nossa Senhora que não permittisse o contagio e ninguem o teve. A enferma foi melhorando de dia para dia. Esteve de cama só quinze dias e não se levantou mais cedo porque

não quiz. Levantou-se pela primeira vez no dia de Reis e nunca mais tornou á cama.

As circumstancias em que a cura se realisou produziram no espirito das pessoas de familia e dos amigos e conhecidos a convicção de que foi devida a um verdadeiro milagre, robustecendo ainda mais essa convicção o facto de nenhuma outra pessoa da casa ter tido variola. Quando ella se levantou, adoeceu o pae, que não tinha querido vaccinar-se. O medico, que foi logo mandado chamar, disse que, tendo havido bexigas em casa, com certeza eram bexigas o que elle tinha. Mas de facto não foi senão um ligeiro incommodo de saúde de que em breve se restabeleceu.

A enferma foi á Fátima pela primeira vez depois da doença no dia 13 de Agosto do mesmo anno, afim de agradecer a Nossa Senhora a sua cura. Antes da doença tinha lá ido tres vezes: em 13 de Setembro de 1917, em 13 de Outubro do mesmo anno e em 13 de Setembro de 1918. Rezou no dia 13 de Agosto de 1920 junto da capella commemorativa das aparições, onde entrou, mas com dificuldade, não se podendo demorar muito dentro della por causa da grande concorrência de povo. Desde então tem sempre gosado de boa saúde. Está forte e nutrida e o seu aspecto é excellente.

V. de M.

Em acção de graças

D. Thereza de Jesus Martins e M.^{le} Maria Amalia do Amaral de Passos de Souza Canavarro, de cujas curas sobremaneira admiraveis a VOZ DA FATIMA inseriu no penultimo numero relatos pormenorizados, fôram no dia treze de Maio a Fátima afim de agradecer a Nossa Senhora os favores extraordinarios que se tinha dignado dispensar-lhes quando, perdidas humanamente todas as esperanças, a Ella recorreram como Mãe de misericordia e Saúde dos enfermos.

As duas felizes privilegiadas da Santissima Virgem, encontraram-se por acaso na igreja parochial de Fátima, pouco depois da sua chegada, e ahi, reconhecendo-se uma á outra, por intermedio de pessoas amigas, abraçaram-se commovidamente e fizeram em commum a sua primeira acção de graças.

D. Thereza, a antiga tuberculosa, hoje completamente curada, que não lográmos descobrir entre a multidão immensa, teve a satisfação indizível de cumprir a promessa que fizera de ir de joelhos até junto da veneranda Imagem da augusta Virgem do Rosario. Com extrema dificuldade conseguiu romper atravez da massa compacta de fieis e já debaixo do pavilhão ao pé da capella, viu, com grande surpresa e alegria, aquellas senhoras suas conhecidas que lhe tinham fornecido a ultima porção de agua de Fátima que bebera durante a sua doença.

O marido, que ficara retido no leito com um forte ataque de «grippe», não consentiu que, para lhe assistir

na doença, como desejava, a esposa desistisse da piedosa romagem, adidiando o cumprimento da sua promessa.

Depois da missa campal e do sermão tivemos o prazer de fallar demoradamente com a menina Maria Amalia Canavarro, aquella ditosa creança atacada de meningite cerebro-espinhal e desenganada dos medicos, que Nossa Senhora de Fátima salvou, segundo a expressão do illustre medico assistente dr. Parreira Cabral. Acompanhavam-na seu pae, o dr. João de Passos de Souza Canavarro, suas tias, a baroneza de Almeirim (D. Luiza) e D. Maria Xavier de Passos de Souza Canavarro, e sua irmã mais velha, Maria da Conceição Canavarro.

O aspecto da venturosa menina é o de uma pessoa saudavel e robusta, respirando vida e alegria, em plena florescência da primavera da mocidade. Ninguem ousaria hoje dizer, ao vê-la, que poucos mezes antes tivera uma doença tão grave e de tão funestas consequencias como a meningite, cujas victimas por via de regra morrem ou ficam para sempre insanavelmente defeituosas. Na ditosa filha da historica e gloriosa terra de Santa Iria não subsistem vestigios, por mais insignificantes que sejam, da terrivel enfermidade que a levou ás portas da morte. Tendo-lhe nós perguntado como se achava de saúde, respondeu-nos que se sentia perfeitamente bem e radiante de contentamento e de felicidade. A sua alma enternecida trasbordava de gratidão para com a augusta Virgem Mãe de Deus, cujos olhares maternas sem duvida se compraziam naquella innocencia virginal, tão cheia de encanto no fervor do seu intenso e profundo recolhimento e da sua sincera e ardente piedade.

Cumprida religiosamente a promessa, feita no principio da convalescência, de ir a Fátima testemunhar o seu reconhecimento a Nossa Senhora do Rosario, o seu coração sente immensa pena de se apartar daquelle logar bemdito, onde as almas puras experimentam emoções divinas, e só descança e socega quando o pae extremoso lhe promete leva-la de novo a Fátima no dia treze de Julho corrente, em que passa o decimo terceiro anniversario da virtuosa e angelica menina.

V. de M.

VOZ DA FÁTIMA

Esta revista é distribuída gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Cova da Iria, aceitando-se no entanto qualquer donativo com que cada um queira espontaneamente auxiliar-nos.

Só terá direito a receber a VOZ DA FÁTIMA pelo correio, durante l'anno, quem se subscrever com o minino de dez mil réis. Não fazemos cobranças pelo correio.

As aparições de Lourdes

III

A Gruta — A primeira aparição:

11 de Fevereiro de 1858

Para comprehender melhor as aparições, convem formar primeiro uma ideia exacta dos sitios vizinhos da Gruta, porque a topographia mudou posteriormente.

Quando se sahia de Lourdes na direcção de oeste, atravessava-se o Gave por uma ponte estreita, a Ponte Velha, d'onde, á direita, se desenrolava um panorama gracioso sobre o prado do Savy, pertencente ao senhor de La Fitte. O Gave de Pau arqueava-se como que para o abraçar e banhavam-no varios canaes que se destacavam do rio. O principal era o canal do Savy, engrossado pelo Merlasse, atravez do qual se elevava o moinho do senhor de La Fitte. Este canal é quasi paralelo ao caminho que se segue ao partir da Ponte Velha e que se chama o caminho da Floresta de Suberriére. A estrada pedregosa subia aqui e acolá rasgada na encosta, por cima das rochas em que se ergue hoje a basilica de Lourdes, e se se quizesse descer á gruta de Massabielle, muito perto do Gave, era preciso contornar essas rochas e deslizar á direita sobre o declive abrupto até á margem onde vinham morrer as ondas esquecidas pela corrente. Então ficava-se em frente duma gruta natural de onze metros de largo por oito metros de fundo, semelhante a uma pequena igreja. Ella era imponente com as suas sombras negras e mysteriosas, os seus recortes de marmore e, pendentes em volta, os seus amplos cortinados de pedra em desordem. Este sitio selvatico era propicio á solidão e á prece. Contavam-se lendas terriveis que recordavam a presença e as grandes façanhas do demonio no meio desta natureza convulsionada, nestes logares cheios de terror.

Na abobada, uma abertura, semelhante a uma chaminé inclinada, atravessava o macisso de pedras e terminava numa especie de arco ogival por onde penetrava a luz. Em frente deste arco estava um rochedo quadrangular enorme, d'onde pendiam diversas plantas, entre as quaes numerosas roseiras bravas.

Apesar da mole do rochedo, o arco ficava em parte visivel. Algumas destillações, provenientes das chuvas, coavam sob a abobada, mas não havia nenhuma fonte conhecida, a não ser um charco de agua lodosa, ao nivel do Gave, a que ninguem prestava attenção, porque parecia resultar das inundações do rio. Os rochedos exteriores a oeste estavam igualmente humididos na epocha das chuvas.

Na quinta-feira gorda, 11 de fevereiro de 1858, pela uma hora da tarde, fazia frio, o tempo estava triste, e já não havia lenha na pobre habitação. Luiza Soubirous disse-o ás suas duas filhas, Bernardete e Maria. Ella parecia estar muito pesarosa com isso. As duas creanças offere-

ceram-se para ir apanhar ramos secos nas margens do Gave.

—Não, disse a mãe, o tempo está mau e poderiam cair no Gave.

Joana Abadie, visinha e amiga dellas, devia fazer parte do grupo; foi pôr em casa o irmãosinho que ella guardava e pediu licença á mãe para acompanhar as duas rapariguinhas. Depois voltou. A senhora Soubirous recusava-se ainda a deixa-las partir, mas, vendo que eram tres, acabou por dar o seu consentimento.

Tomam pela rua que conduz ao cemiterio, porque alli se procedia muitas vezes á descarga de lenha e podiam assim respigar cavacos abandonados. Mas, por infelicidade não encontraram nada de aproveitar-se. Dirigem-se então para a Ponte Velha e seguem o caminho da Floresta, deixando á direita o prado do senhor de La Fitte cingido pela faixa azul do Gave.

De repente desviam-se para o canal do Savy, que atravessam passando pelo moinho e entram no prado. Acham-se assim numa ilha formada pelo Gave á direita e pelo canal á esquerda. Seguem o canal. Algumas arvores tinham sido cortadas recentemente. Procuram lenha, ao longo da margem até ao sitio em que o canal desagúa no Gave, quasi em frente da gruta de Massabielle. Pareceu-lhes avistar lenha sêcca ao pé da gruta, mas para chegar até lá era mister atravessar o canal do Savy. As aguas eram muito baixas, porque o moinho não trabalhava, mas, como succedia no inverno, as aguas estavam muito frias. Bernadette, sabendo que era enferma e lembrando-se, sem duvida, das recommendações de sua mãe, não ousava entrar no canal.

As companheiras não tiveram os mesmos escrúpulos.

«Joanna Abadie e minha irmã, me nos preguiçosas do que eu, conta ella, tiraram os tamancos e passaram o ribeiro. Todavia quando se encontraram do outro lado, puzeram-se a queixar-se de frio e baixaram-se para aquecer os pés. Tudo isto fazia augmentar os meus receios, e eu reconhecia que, se entrasse na agua, a minha asthma iria atacar-me de novo. Então pedi a Joanna Abadie, que era mais crescida e mais forte do que eu, que viesse passar-me ás costas.

—Oh! Palavra d'honra que não o farei! respondeu Joanna, tu és uma creatura enfadonha e cheia de mimo; se não quizeres passar, fica onde estás.

As duas rapariguinhas afastaram-se pois, apanharam lenha debaixo da gruta e seguiram o Gave sem se preocuparem mais com Bernadette, que, certamente ao ver-se sózinha, teve mêdo, porque, accrescenta: Quando estive só, deitei algumas pedras no leito do ribeiro para sobre ellas pôr os pés, mas isso não me serviu de nada. Eu tive então de me decidir a deixar os meus tamancos e a atravessar o canal, como haviam feito Joanna e minha irmã. Tinha começado a tirar a primeira meia quando de repente ouvi um grande ruído semelhante a um rumor de tem-

pestade. Olhei á direita, á esquerda, para as arvores da margem, nada bulia! Julguei ter-me enganado. Continuava a descalçar-me, quando um novo ruído, semelhante ao primeiro, se fez ainda ouvir. Oh! então tive medo e puz-me logo em pé. Não podia articular palavra e não sabia o que havia de pensar, quando, ao voltar a cabeça para o lado da gruta, vi numa das aberturas do rochedo uma sarça, uma só, a agitar-se como se o vento soprasse com violencia. Quasi ao mesmo tempo sahio do interior da gruta uma nuvem côr de ouro, e pouco depois uma Senhora, joven e bella, como eu nunca tinha visto outra igual, veio collocar-se á entrada da abertura, por cima da sarça. Ao mesmo tempo olhou para mim, sorriu-me e fez-me signal para que me approximasse, como se ella fôsse minha mãe. O medo tinha-se dissipado, mas parecia-me que já não sabia onde estava. Esfregava os olhos, fechava-os e abria-os, mas a Senhora estava sempre lá, continuando a sorrir-se para mim e fazendo-me comprehender que eu não me enganava. Sem ter consciencia do que fazia, tirei o terço do bolso e puz-me de joelhos. A Senhora fez um signal de approvação com a cabeça e tomou nas mãos um terço que trazia no braço direito. Quando quiz começar o terço e levar a mão á testa, o braço ficou-me como que paralyzado e não foi senão depois que a Senhora fez o signal da Cruz que eu pude fazer como ella. A Senhora deixou-me rezar sósinha; fazia, é verdade, passar entre os dedos as contas do seu terço, mas não era senão no fim de cada dezena que ella dizia comigo: Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto.

(Continúa)

V. de M.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	3.604:020
Impressão do n.º 9	120:000
Outras despezas	38:800
Somma	3.757:820

Subscripção

(Continuação)

Maria das Dôres Fernandes Rendeiro	2:500
Domingos Valente de Almeida	5:000
Gracinda de Jesus da Silva	5:000
Luiza Esteves	2:500
Esmolas colhidas na praça de Pardelhas	25:000
D. Leocadia Henriques	10:000
Josefa de Jesus	6:000
D. Maria Pedroso	5:000
D. Maria Martiniano da Costa	10:000
P.º Sabino Paulino Pereira	10:000
P.º Francisco da Silva Geada	10:000
P.º Manuel Duarte	10:000
D. Julia Maria Galvão	10:000
D. Michaela Carço	10:000
D. Filomena do Espirito Santo da Veiga Moniz	10:000
D. Berta de Carvalho Guimarães	10:000
D. Marianna Vilar	10:000

D. Eugenia Braamcamp Sobral (Belmonte)	10:000
D. Maria Helena Alves	10:000
D. Cecilia Wanzeller de Castro Pereira	10:000
Dr. Manuel Cruz Junior	10:000
Condessa de Tarouca	10:000
D. Maria das D. Freitas	10:000
D. Maria José Brazão	10:000
D. Maria Rodrigues Macieira	15:000
D. Joaquina Sancho Silva	10:000
Baroneza de Almeirim (D. Luiza)	10:000
M.ª Anna Maria da Costa Moraes	10:000
D. Maria Barbara Clemente	10:000
D. Ermelinda Simões	10:000
Carlos Balthazar de Vilhena Barbosa	10:000
D. Candida Martins Pita	10:000
D. Carmen Satrustegni de Padilla	10:000
D. Maria Luiza H. R. Freire de Almeida Rodrigues	5:000
Joaquim Alves Martins	10:000
P.º Augusto José Vieira	10:000
D. Gertrudes M. Fernandes	10:000
D. Marianna Bacellar	10:000
Viscondessa de Treixêdo	10:000
Dona Marianna de Queiroz Athayde	10:000
D. Maria Leonor de Freitas João Braz Serrador	10:000
D. Maria Joanna Correia	3:000
Antonio Camilo Pinto (2.ª vez)	2:000
P.º Eurico do Nascimento Lacerda Pires	11:500
Manuel Rodrigues Valentim J. d'Oliveira Dias (de varias esmolos)	5:000
D. Emilia de Mello Falcão Trigoso	10:000
P.º Virginio Lopes Tavares Anonima (M. do C.)	10:000
José Fernandes d'Almeida	10:000
Manuel Antunes Tojal	20:000
Olimpio Duarte Alves	10:000
P.º José Lourenço dos Santos Palrinhas	10:000
D. Bertha Machado	10:000
Francisco d'Assis Paulo	3:000
Condessa d'Azambuja	10:000
P.º Lino da Conceição Torres Madame Deligand	10:000
D. Lucrecia Duarte de Jesus	10:000
D. Ermelinda Reis Faria	10:000
José Fernandes Potes	10:000
Condessa do Bomfim	10:000
D. Maria das D. Ferro Silva	10:000
D. Maria Proença Fortes Sanguinetti	10:000
D. Justina Teixeira	10:000
D. Maria Emilia Macedo Rosa	10:000
D. Beatriz Buxo Pinheiro	10:000
João Maria do Vale e Souza de Menezes Mexia	10:000
D. Cecilia Correia da Costa	10:000
João Augusto dos Reis	10:000
Gregorio da Cruz Sardinha	15:000
D. Maria do Ceu Pinto de Abreu e Lima	10:000
D. Maria da Purificação da Silva Pinto Abreu	10:000
D. Maria da Graça d'Abreu Fonseca	10:000
D. Maria da Natividade de Assis Teixeira	10:000
D. Maria da Gloria d'Abreu de Lima e Fonseca	10:000

D. Marcelina Cameira	10:000
Rosa de Jesus Cascaes	10:000
Maria Apolinaria Godinho	10:000
Maria Ismenia Ruela e Cyrne	10:000
Maria do Carmo Tavares de Souza Cyrne	10:000
Rosa Antonia Valente d'Almeida (2.ª vez)	2:500
Francisco de Jesus Manço (2.ª vez)	2:500
Maria José Leiras (2.ª vez)	2:500
Piedade Bunheiroa (2.ª vez)	2:500
Maria de Jesus Pirôa	2:500
Laura d'Oliveira	2:500
Esmolas de Pardelhas	24:000

Agradecendo uma graça

Encontrando-me em grande tribulação, recorri cheia de fé á Santissima Virgem da Fátima, que se dignou ouvir a minha humilde supplica. E' pois com satisfação que cumpro a minha promessa, remetendo essa pequenina offerta para o seu culto, e pedindo a publicação duma graça na VOZ DA FATIMA.

Recolhimento de S. Christovam, em 5 de Maio de 1923.

Luiza Stadlin

"Os acontecimentos de Fátima,"

Com este titulo está publicado um novo opusculo devido á penna do nosso presado collaborador sr. Visconde de Montello. Em diversos capitulos, todos de um interesse fóra do vulgar, o seu auctor refere episodios e notas inéditas, merecendo registro especial aquelle em que narra sucintamente vinte e cinco curas attribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Sabemos que o sr. Visconde de Montello está preparando a 2.ª edição, revista e consideravelmente aumentada, do seu livro «Os episodios maravilhosos de Fátima», cuja 1.ª edição, actualmente exgotada, bastante concorreu para levar ao longe, no paiz e no estrangeiro, o acontecimento do mysterioso caso de Fátima.

O folheto «Os acontecimentos de Fátima» está á venda na redacção da VOZ DA FATIMA, custando cada exemplar dez tostões, sendo o producto da venda destinado na sua totalidade para a obra de Nossa Senhora de Fátima.

Casos ou acasos?

O primeiro é a conversão de um pastor protestante que presenciando o esplendor do recente congresso eucharistico no Rio de Janeiro, exclama o seguinte:

«Não é possivel que isto seja um simples symbolo: eu creio na presença REAL!»

O outro é o facto de um dos chefes da famosa Associação Christian de Moços (Protestantes). Este infeliz tinha organizado entre os seus, uma contra-manifestação para o dia da planejada procissão eucharistica. Na hora da sublime apothose de Jesus Hostia, o cadaver do tal chefe era levado para o cemiterio!... Tinha morrido na vespera da planejada procissão.